

# Estudos linguísticos que se inscrevem dialogicamente: reacentuando Bakhtin e o Círculo

PALAVRAS-CHAVE:

Estudos linguísticos • Dialogismo • Discurso

Wilder Kleber  
Fernandes de Santana

**RESUMO:** O presente trabalho se propôs a tecer discussões teórico-analíticas sobre uma linguística que se instaura dialogicamente, em que a linguagem é delineada tanto a partir dos mecanismos linguísticos estruturais quanto por meio de discursos que se circunscrevem no social. Para tanto, fundamentamo-nos nos pressupostos teórico-metodológicos de Bakhtin (1993 [1920-1924]), 2006 [1979]), Volochínov (2017 [1929]) e Medviédev (2016 [1928]), na medida em que se articulam as principais produções presentes em seus escritos sobre dialogismo, língua e discurso. Nesse sentido, tivemos que 2) tecer considerações sobre uma linguística que se inscreve dialogicamente nos domínios da linguagem e 3) analisar um enunciado bíblico neotestamentário sob os pilares da arquitetura discursiva bakhtiniana.

## INTRODUÇÃO

É inegável a pertinência dos estudos linguísticos na contemporaneidade do século XXI, o que constitui a (des)continuidade de sérias investigações em torno da linguagem. Desde o auge da produção platônico-aristotélica, filósofos, estudiosos e pesquisadores se debruçam sobre as mais diversas formas de manifestação da linguagem, percurso que tra(du)z à contemporaneidade uma linguística que é ciência.

Em períodos áureos da Grécia antiga, ao principiarem-se os estudos da chamada gramática tradicional – de base filosófica – pensadores gregos desenvolveram interesse pelo estudo da linguagem, uma vez que desejavam compreender a relação existente entre a linguagem, assim como as interligações entre o pensamento e a realidade. Por esse motivo, começaram as discussões a respeito da “relação entre as palavras e as coisas que elas designam” (MARTELOTTA, 2017, p. 45). Platão (428 – 348 a.C.)<sup>1</sup>, por exemplo, acreditava que as palavras refletiam a imagem exata do mundo como ele é. Aristóteles, por seu turno, defendia a intensa relação entre linguagem e a lógica, pois, em sua ótica, a linguagem é inerente ao ser humano<sup>2</sup>, sendo “um reflexo da organização interna do pensamento humano [...] universal, [...], se manifesta em todas as línguas do mundo” (MARTELOTTA, 2017, p. 45).

Santana pontua, em manuscrito intitulado *Da linguística estrutural à linguística da enunciação: um percurso histórico-ideológico* (2019a), atesta que Saussure

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Conceitos de Gramática. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2017, p. 43-70.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Da linguística estrutural à linguística da enunciação: um percurso histórico-ideológico. In: Santana, Wilder Kleber Fernandes de. **Relações linguísticas e axio(dia)lógicas**: sobre linguagem e enunciação / Wilder Kleber Fernandes de Santana. – João Pessoa: Ideia, 2019a.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1997.

---

1. Em *Crátilo*, Platão levanta indagações sobre a constituição dos nomes, assim como sua função e seu uso. Os nomes consistiriam em puro efeito (em comum acordo e convenção) ou haveria uma forma natural para denominação correta das coisas?

2. Dois fatores são importantes serem destacados quanto à lógica aristotélica. O primeiro diz respeito ao fato de que a lógica precede o pensamento e a linguagem e, o segundo, em que o mundo continua existindo, independentemente de nossa capacidade de expressá-lo ou não.

De acordo com essa concepção de linguagem, ou seja, a linguagem vista como a representação do pensamento, para as pessoas poderem se expressar bem, é necessário, do mesmo modo, que pensem bem, pois a linguagem traduz o que ocorre no interior da mente, sendo, portanto, o fenômeno linguístico visto como um ato racional, como bem afirma Travaglia (1997, p. 21) que o fenômeno linguístico pode ser considerado como sendo “um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece”.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. [tradução feita a partir do russo; tradução Paulo Bezerra]. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1979].

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikoláievich. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem** - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

e Humboldt simbolizam duas grandes tradições do pensamento linguístico-filosófico que se ramificaram, desde os gregos pré-socráticos, nos entornos sobre a linguagem: a primeira concebe a língua como expressão do pensamento, e a posterior a reporta como instrumento de comunicação.

Esses múltiplos horizontes da língua podem, a partir de uma perspectiva didática, formulada por Geraldí (1984), ser classificados em três grandes tendências: 1) a língua como expressão/representação do pensamento<sup>3</sup>; 2) a língua como instrumento/ferramenta de comunicação<sup>4</sup> e, por fim, 3) a língua como forma de interação.

É a esta última concepção, a língua como forma de interação, que daremos enfoque, em abordagem dialógica. Bakhtin (2006 [1979]) e Volóchinov (2017 [1929]) se situam em uma *terceira vertente*, que compreende a língua como forma de interação entre os sujeitos socialmente organizados e historicamente situados. É à perspectiva dialógica que está vinculado nosso trabalho.

Na linha discursiva de Bakhtin, em *Estética da Criação Verbal* (2006 [1979]), a linguagem consiste em uma prática que tem seus horizontes concretos histórico e social no momento em que os enunciados se atualizam.

---

3. Santana (2019) esclarece que a concepção de linguagem como expressão do pensamento tem entornos basilares, na ótica de Perfeito (2005), na tradição gramatical grega, passando pelos latinos, atravessando Idades Média e Moderna, tendo ruptura efetiva apenas no início do século XX, com Saussure. Assim, na ótica da autora, esta é considerada a visão primeira de linguagem, vez que surge a partir dos estudos de Dionísio de Trácia (século II a.C.), responsável por elaborar a primeira gramática ocidental e por nortear o certo e o errado no uso da língua. Para essa concepção, “[...] as pessoas não se expressam bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. A enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece”. (TRAVAGLIA, 1996, p. 21).

4. Nessa concepção, em que a linguagem é conceituada como instrumento de comunicação, a língua “é vista como um código, ou seja, um conjunto de signos que se combinam segundo regras e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor” (TRAVAGLIA, 1996, p. 22). Nessas instâncias, analisa-se uma interligação entre os elementos comunicativos, e percebe-se o falante que deseja transmitir uma mensagem a um ouvinte e, assim, coloca-a “em código (codificação) e a remete para o outro através de um canal (ondas sonoras ou luminosas). O outro recebe os sinais codificados e os transforma de novo em mensagem (informações). É a decodificação” (TRAVAGLIA, 1996, p. 22-23). Aqui a linguagem é concebida como uma ferramenta, cuja função é transmitir uma mensagem.

Além disso, tal concepção de linguagem é constituída a partir dos interlocutores, apresentando, dessa forma, seu caráter ativo no ato verbal de produção dos discursos. Reacentuando a afirmativa de que “o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados...” (VOLÓCHINOV 2017 [1929], p. 204), todo e qualquer texto, seja ele verbal ou não-verbal, possui uma natureza social interativo-dialógica, pois os sujeitos que o produzem têm intenções comunicativas. Como afirma Bakhtin (2006 [1979], p. 282), “A vontade discursiva do falante realiza-se antes de tudo na *escolha de um certo gênero de discurso*”. (Grifos do autor).

Nesse direcionamento, o objetivo de nosso trabalho consiste em tecer discussões teórico-analíticas sobre uma linguística que se instaura dialogicamente, ou seja, por meio de discursos que se circunscrevem no social. Para tanto, fundamentamo-nos nos pressupostos teórico-metodológicos de Bakhtin (1993 [1920-1924]), 2006 [1979]), Volochínov (2017 [1929]) e Medviédev (2016 [1928]), na medida em que se articulam as principais produções presentes em seus escritos sobre dialogismo, língua e discurso. Nesse sentido, tivemos que 2) tecer considerações sobre uma linguística que se inscreve dialogicamente nos domínios da linguagem e 3) analisar um enunciado bíblico neotestamentário sob os pilares da arquitetônica discursiva bakhtiniana.

Com base no exposto, selecionamos o discurso bíblico do “pão da vida”, a partir da narrativa de João, no sexto capítulo de seu evangelho. A versão bíblica que se adotou como suporte e referência para a composição deste manuscrito foi a Bíblia a de Jerusalém (2002), cujos direitos são certificados pela *Paulus Editora*. Nesta Nova Edição Revista e Ampliada, a tradução foi realizada diretamente dos textos originais (hebraico e grego), com comentários atualizados.

Uma das justificativas de nossa escolha é o histórico de revisões que esta tradução teve desde 1973 até 1998, por meio dos trabalhos da *École Biblique*. A presente tradução, além de ter passado por um longo processo de revisão entre as décadas de 70 e 90 do século XX, foi realizada mediante estudos intensos e revisões severas. Isto demonstra os cuidados que houve em todo o procedimento de reenuniação nesta edição, o que nos garante rigor quanto às movências linguístico-enunciativas.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do Conteúdo, do Material e da Forma na Criação Literária. (1924). In: **Questões de literatura e de estética** - A Teoria do Romance. Equipe de tradução (do russo) Aurora Forni Bernardini; José Pereira Júnior; Augusto Góes Júnior; Helena Spryndis Nazário; Homero Freitas de Andrade. 6ª edição. Editora Hucitec - São Paulo, 2010 (1930-1934).

MEDVIÉDEV, Pável Nikholáievich. **O Método Formal nos estudos literários**: introdução a uma poética sociológica. Tradutoras: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

## 1. ESTUDOS LINGUÍSTICOS QUE SE INSCREVEM DIALOGICAMENTE

Os estudos linguísticos a partir da abordagem que propomos se insere em uma área de investigação que reenuncia não apenas pesquisas desenvolvidas na Rússia ou em países europeus, mas sobretudo em pesquisadores que têm se solidificado em terreno brasileiro, dentre os quais Brait e Pistori (2012), Sobral (2009), Santana (2019), dentre outros. Tomamos como alicerce o dialogismo, categoria a qual consideramos indispensável à construção de uma linguagem que se instaura no social.

BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz. **A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo.** Alfa, São Paulo, 56 (2): 371-401, 2012.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero:** as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

Conforme pontuado por Santana (2019), no panorama de uma *dialética do movimento filosófico* (da linguagem), em *Estética da Criação Verbal* – dentre outros – Bakhtin<sup>5</sup> tece sobre posicionamentos conceituais sobre as relações dialógicas, ao afirmar que “são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva” (2006 [1979], p.323). Assim, dois ou mais enunciados, quaisquer que sejam, se colocados em arena – confronto – em planos de sentido (não como objetos e não como exemplos imanentemente linguísticos), resultarão em relação dialógica.

O dialogismo, no bojo dos integrantes do Círculo de Bakhtin, é concebido o princípio constitutivo da linguagem, em suas dimensões concreta, palpável, viva. Nesta perspectiva, segundo Sobral (2009, p. 32),

essa concepção é chamada de dialógica porque propõe que a linguagem (e os discursos) têm seus sentidos produzidos pela presença constitutiva da intersubjetividade (a interação entre subjetividade) no intercâmbio verbal, ou seja, as situações concretas do exercício da linguagem. (SOBRAL, 2009, p. 32)

---

5. A expressão Círculo de Bakhtin é utilizada para designar um grupo de intelectuais e estudiosos que se reuniu periodicamente, entre 1919 e 1929, em cidades russas, como Nevel, Vitebsk e São Petersburgo para debater sobre filosofia, literatura e problemáticas gerais. Constituído por sujeitos de áreas diversificadas e profissões distintas, dentre os quais se destacam Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Volochinov e Pavel N. Medviédev. Outros integrantes eram Matvei I. Kagan, Ivan I. Kanaev, Maria V. Yudina e Lev. V. Pumpianski.

Nessa vetorialidade de compreensão, estudos linguísticos não estariam apenas fechados em uma perspectiva imanentista, ou subjetivista, que levasse em conta apenas a realidade psíquica e individual dos sujeitos, mas sobretudo mecanismos de linguagem que se adquirem no social, onde os sentidos são plurais e heterogêneos. Volóchinov (2017 [1929]), ao tratar da língua em sua natureza real/viva, postula que esta não se projeta como um sistema abstrato de formas linguísticas (fonéticas, gramaticais e lexicais), mas este a compreende a partir da interrelação entre seus elementos linguísticos num contexto concreto preciso, em enunciações particulares. Para o teórico supracitado, decorrem as seguintes proposições:

1. A língua como sistema estável de formas normativas e idênticas é somente uma *abstração científica* produtiva apenas diante de determinados objetivos práticos e teóricos. Essa abstração não é adequada à realidade concreta da língua.
2. A língua é um *processo ininterrupto de formação*, realizado por meio da *interação sociodiscursiva dos falantes*.
3. As leis de formação da língua não são de modo alguns individuais e psicológicas, tampouco podem ser isoladas da atividade dos indivíduos falantes. As leis da evolução linguística são essencialmente *leis sociológicas*.
4. A *criação* da língua não coincide com a criação artística ou qualquer outra criação especificamente ideológica. No entanto, ao mesmo tempo, a criação linguística não pode ser compreendida sem considerar os sentidos e *os valores ideológicos que a constituem*. A formação da língua, como qualquer formação histórica, pode ser percebida como uma necessidade mecânica cega, porém, também pode ser “uma necessidade livre, ao se tornar consciente e voluntária.
5. *A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social*. O enunciado como tal existe entre os falantes. O ato discursivo individual (no sentido estrito do termo “individual”) é um *contradictio in adjecto* (VOLÓCHINOV, (2017 [1929], p. 224-225, grifos do autor).

Nessas lentes interpretativas, diferentemente de Saussure<sup>6</sup> (e dos que se vinculam à perspectiva do objetivismo abstrato), que desconsidera a fala e apenas vê a língua como um sistema fechado de formas normativas

---

6. Na ótica de Saussure, a *langue* é um sistema linguístico de comunicação é utilizado pelos membros de uma sociedade, sendo, portanto, coletiva, enquanto que a *parole* é individual, ou seja, os falantes de uma determinada língua, ao se comunicarem (*parole*), utilizam o sistema linguístico (*langue*), adaptando-o às suas necessidades e preferências pessoais (MARTELOTTA, 2017). Dessa forma, “língua é exterior ao indivíduo, sendo interiorizada coercitivamente por eles” (MARTELOTTA, 2017, p. 53). Este pesquisador caracterizou a *langue* como um sistema, uma vez que os elementos de uma língua não aparecem isolados, só sendo possível analisá-la como um todo e não isoladamente. Dessa forma, Saussure (1969) via a língua como “exterior ao indivíduo, que por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la” (p. 22) e, por ser um fato social, “um sistema de signos que exprimem ideias” (p. 24), possui uma “natureza homogênea” (p. 23).

imutáveis, Volóchinov (2017 [1929]) preferencia e valoriza o aspecto social da fala, a qual está intimamente ligada à enunciação, cujos aspectos primordiais são a intersubjetividade e a interação verbal. Nessas instâncias de reflexão sobre a linguagem,

Qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo pela situação social mais imediata.

Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído por um representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. *A palavra dirige-se a um interlocutor*: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não... (VOLOCHINOV, 2017 [1929], p. 204, grifos do autor).

Em outros termos, não é em uma perspectiva imanentista nem formalista que os sentidos plurais dos contextos comunicativos se darão, mas sobretudo nas situações concretas e reais na de interação, assim em relação a quaisquer palavras dirigidas, lançadas. Para Bakhtin,

É original a natureza das relações dialógicas. A questão do dialogismo interior. O limiar das fronteiras entre os enunciados. A questão da palavra bivocal. A compreensão como diálogo. Aqui chegamos ao extremo da filosofia da linguagem e do pensamento das ciências humanas, em geral, às terras virgens (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 325).

Tais considerações sobre a noção de linguagem<sup>7</sup> em abordagem dialógica torna-se concreta mediante o diálogo Eu/Outro. Assim, “[a] conceituação do dialogismo como um ativismo do diálogo integra a atividade dinâmica entre Eu e Outro em uma esfera cronotópica socialmente organizada e em interação discursiva” (SANTANA, 2019b, p. 88). Bakhtin, então, afirma que “A dialética nasceu do diálogo para retornar ao diálogo em um nível superior (o diálogo de *indivíduos*)” (2006 [1979], p. 401). Um movimento dialético da linguagem explica o homem em seu vir-a-ser, o sujeito que é (in)acabado por si mesmo, acabado apenas pelo Outro, que o enforma.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Dialogismo em foco: valorações semântico-axiológicas e sua aplicabilidade. In: Santana, Wilder Kleber Fernandes de. **Relações linguísticas e axio(dia)lógicas**: sobre linguagem e enunciação / Wilder Kleber Fernandes de Santana. – João Pessoa: Ideia, 2019b.

7. Tais estudos da linguagem vão “viabilizando a noção de sujeito histórica e socialmente situado” (BRAIT/PISTORI, 2012, p. 373).

Pavel N. Medviédev, um dos integrantes ativos e estudioso do círculo de Bakhtin, ao publicar, em 1928, *O método formal nos estudos literários*, na medida em que teceu severas críticas ao formalismo europeu, especialmente o formalismo russo, esteve em busca do “reflexo do horizonte ideológico” (2016 [1928], p. 65). O foco deste cientista foi acentuar a linguagem poética formalista enquanto tendência ao niilismo artístico, imanentismo e ausência do aspecto sociológico nos estudos literários (2016 [1928]). Nessa linha de compreensão, para Medviédev (2016 [1928], p. 49-50),

Todos os atos individuais participantes da criação ideológica são apenas os momentos inseparáveis dessa comunicação e são seus componentes dependentes e, por isso, não podem ser estudados fora do processo social que os compreende como um todo. O sentido ideológico, abstraído do material concreto, é oposto, pela ciência burguesa, à consciência individual do criador ou do intérprete... Cada produto ideológico e todo seu “significado ideal” não estão na alma, nem no mundo interior e nem no mundo isolado das ideias e dos sentidos puros, mas no material ideológico disponível e objetivo, na palavra, no som, no gesto, na combinação das massas, das linhas, das cores, dos corpos vivos, e assim por diante.

Medviédev defende que os mecanismos linguísticos não se sustentam sócio-historicamente caso sejam desvinculados da ideologia, ou seja, se houver separabilidade entre o processo cultural (meio sócioideológico) e o objeto de análise. Assim, enquanto signo, jamais objetos podem ser avaliados longe de sua realidade sócio-histórica, das vozes que o atravessam e constituem a linguagem.

Com relação às movências de dualidades e pontos de vista que incidem na comunicação discursiva, Bakhtin dedica parte de suas pesquisas às especificidades de dois polos existentes no texto.

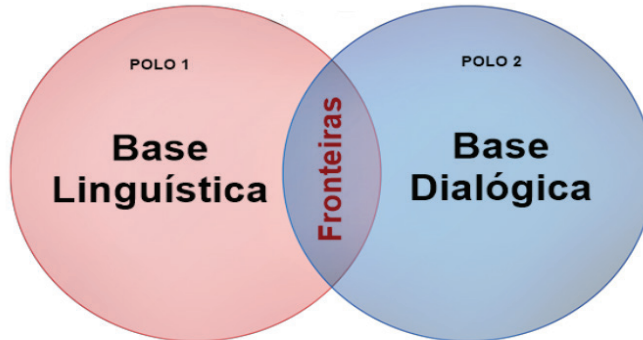
Cada texto pressupõe um sistema universalmente aceito (isto é, convencional no âmbito de um lado do grupo) de signos, uma linguagem (ainda que seja linguagem da arte). Se por trás de um texto não há linguagem, este já não é um texto, mas um fenômeno das ciências naturais. (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 309)

Assim, em prisma bakhtiniano, os polos do texto (signo) representam suas bases formadoras: a linguística-estrutural, de um lado, e a discursiva-dialógica, de outro, ou como engendra Volóchinov (2017 [1929]), uma significação (domínio do repetível) e um tema (lugar do irrepitível).



Observemos como isso se configuraria em termos gráficos:

Gráfico 1: Texto em perspectiva bakhtiniana



Fonte: Santana, 2019.

Conforme podemos observar, o texto em perspectiva bakhtiniana é composto por dois polos, e é nas fronteiras (diálogos) que está a base dos sentidos plurais. As fronteiras compreendem os elementos componentes (os quais são necessários) os quais resultam na compreensão responsiva do enunciado.

Quanto ao primeiro polo, serão observados, segundo Bakhtin, uma série de elementos que podem ser chamados de técnicos (aspecto técnico do gráfico, da obra, etc). A esse sistema corresponde tudo o que *é* repetido e reproduzido e tudo o que *pode ser* repetido<sup>8</sup> e reproduzido (2006 [1979], pp. 309-310).

No que concerne ao segundo polo, de fundamentação dialógica, dá-se o efeito de compreensão do enunciado, via historicidade. Nesse vértice de compreensão, o segundo polo

...é algo único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (sua intenção em prol da qual foi criado). É aquilo que nele tem relação com a verdade, com a bondade, com a beleza, com a história. Em relação a esses elementos, tudo o que é suscetível de reprodução e repetição vem a ser material e meio. Em certa medida, isso ultrapassa os limites da linguística e da filologia (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 310).

---

8. Volóchinov abordará esse conceito como a significação, a qual consiste “naqueles aspectos do enunciado que são repetíveis e idênticos a si mesmos em todas as ocorrências” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 228)., mais precisamente “um artefato técnico de realização do tema.” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 229).

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. As fronteiras como espaço socio-axiológico. In: Santana, Wilder Kleber Fernandes de. **Relações linguísticas e axio(dia)lógicas: sobre linguagem e enunciação** / Wilder Kleber Fernandes de Santana. – João Pessoa: Ideia, 2019c.

Santana, em manuscrito intitulado *As fronteiras como espaço socio-axiológico* (2019), empreende que o segundo polo é inerente ao texto, porém, só se revela no momento em que ocorre acesso às fronteiras, ou seja, “em que sai dos limites estruturais para tentar compreender o processo de construção e formulação, ou até mesmo *como* se desvelou aquela comunicação discursiva” (SANTANA, 2019c, p. 80).

Conforme se averigua, quando estudos linguísticos são observados sob abordagem dialógica, há atravessamentos de sentidos em que se considera a situação comunicativa, a qual é imprescindível para a compreensão do texto (enunciado), inclusive os elementos formais, que estão na base da significação. É nesse sentido que, ao recorrer aos aspectos histórico-ideológicos do enunciado como imprescindíveis à linguagem, Bakhtin afirma que “esse segundo polo é indissolúvelmente ligado ao elemento da autoria, e não tem nada em comum com a singularidade natural e causal” (2006 [1979], p. 310).

## 2. ANÁLISES: A CHEGADA DE JESUS EM CAFARNAUM

A presente seção se instaura na aplicabilidade das categorias até aqui mobilizada nas análises, no caso específico da acusação e correção. A seguir, teremos acesso aos versos para análise. Este conjunto de enunciados (Jo 6. 26- 27) consiste em réplicas, por parte do enunciador Jesus Cristo, motivadas pela interrogação feita pelos judeus acerca de sua chegada a Cafarnaum.

Durante o discurso de Jesus, as análises são feitas por base dialógica, evidenciando fatores linguísticos e discursivos, e as relações dialógicas são explanadas em nossa análise. Percebemos que, ora o sujeito acusa seus interlocutores por ações práticas, ora os corrige sobre sua “hipocrisia” religiosa. O objetivo, portanto, é analisar os enunciados que se discorrem dentre os versos 26 e 27, observando as relações dialógicas e heterodiscursivas.

As relações dialógicas de Acusação e Correção consistem em relações de sentido(s) que se estabelecem a partir do instante em que o sujeito Jesus Cristo se remete aos seus interlocutores, valorando o discurso alheio, renunciando-o. Primeiramente, acusa seus interlocutores pelos motivos com que o buscavam, e, após isso, corrige-os para que creiam naquele que Deus enviou. Eis a disposição dos versos:

Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: vós me procurais não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos saciastes.

Trabalhai, não pelo alimento que se perde, mas pelo alimento que permanece até a Vida Eterna, alimento que o Filho do Homem vos dará, pois Deus, o Pai, o marcou com seu selo (Jo 6. 26-27).

Ao ser interpelado por meio de afronta por alguns dentre a multidão, o sujeito Jesus enforma sua réplica (v. 26) de forma *acusativa* aos seus interlocutores, alegando que os motivos destes em buscá-lo não se fundamentam nos sinais que ele operara, nem nos eventos os quais foram realizados nas terras circunvizinhas a Cafarnaum e em Jerusalém, mas que os judeus o estavam procurando pelo fato de terem comido pão e saciado a fome de outrora.

Em termos heterodiscursivos<sup>9</sup>, ou seja, na observância de discursos que antecedem os versos supranarrados, faz-se pertinente destacar que o verso 23 deste mesmo capítulo (Jo. 6.23) reflete a busca incessante dos judeus por Jesus, devido ao fato de, em momentos anteriores, cerca de cinco mil pessoas foram alimentadas, no evento singular e único da multiplicação dos pães e dos peixes (Jo 6. 1-13). Então, ao encontrarem Jesus, na outra extremidade do mar, interpelaram-no, dizendo: “Rabi, quando chegaste aqui?” Essa pergunta não fora formulada em ato de curiosidade, com intenção de saber o momento em que Jesus havia desembarcado, mas consistira em uma interrogativa *de afronta*, almejando descobrir as circunstâncias que motivaram Jesus a atravessar o mar, e por que partira sem os discípulos (SANTANA, 2019).

É então que, após essa interpelação dos judeus, adentramos no primeiro tópico discursivo de Jesus acerca do Pão da vida, discurso esse que acontece na Sinagoga de Cafarnaum. Na ótica de Santana,

Os discursos que se encontram atravessados por diálogos alheios não têm sentido único, mas seus sentidos múltiplos se concretizam através da heterodiscursividade, ou a capacidade que os enunciados têm de se interligarem, através de um processo de interpenetração. Em cada momento concreto da formação discursiva, os enunciados são esteticados em camadas socioideológicas, ou seja, manifestam-se através da história e da memória culturais (processo de estetificação) (SANTANA, 2017, p. 238).

---

Para Bakhtin, o heterodiscurso é produto da estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, falares de grupos, jargões profissionais, e compreende toda a diversidade de vozes e discursos que povoam a vida social, divergindo aqui, contrapondo-se ali, combinando-se adiante, relativizando-se uns aos outros e cada um procurando seu próprio espaço de realização (BEZERRA, 2015, p. 13).

CARSON, D. A. **O comentário de João**. Tradução: Daniel Oliveira e Vivian do Amaral Nunes. 1ª edição. São Paulo: Shedd publicações LTDA, 2007.

A asseverativa “Em verdade, em verdade vos digo” (v.26) promove um rito inicial linguístico-discursivo para o enunciado acusativo: *Vós me procurais não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos saciastes*. Jesus não responde à pergunta formulada pelos judeus *Rabi, quando chegaste aqui?* (Jo 6.25), mas transgredir o direcionamento enunciativo proposto e articula uma declaração de insatisfação perante os seus destinatários. O descontentamento por parte de Jesus reside em que, ainda que a multidão tenha visto<sup>18</sup> o evento da multiplicação operado e tenham declarado que “este era o profeta que havia de vir ao mundo” (6. 14), a atenção desta esteve voltada apenas para os benefícios do advento, e não para seus sentidos alegóricos ou, conforme Carson (2007, p. 284), para o seu “sinal parabólico”.

Na ótica discursiva de Dake (2012, p. 1524), as palavras de Jesus são traduzidas, de forma mais simples, da seguinte maneira:

Vocês me procuram, não porque viram milagres, mas porque comeram; não como tendo sido convencido por milagres visíveis, que deveriam conduzir homens justos a me reconhecer como o Messias, mas pelo apetite, que conduz os homens como animais atrás de alimento.

Assim, a remissão enunciativo-discursiva do sujeito à reprodução e partilha dos pães e peixes que havia alimentado a multidão era “carregado de simbolismo, um ‘sinal’ que apontava para o evangelho em si, para o próprio Jesus” (CARSON, 2007, p. 284). Em seguida, Jesus dá uma ordem prática: *Trabalhai não pelo alimento que se perde, mas pelo alimento que permanece até a Vida Eterna, alimento que o filho do homem vos dará, pois deus, o pai, o marcou com o seu selo*. Neste instante, em que o sujeito enunciativo está prescrevendo à multidão que não priorize o alimento material, nem as circunstâncias desta vida que são transitórias, mas que estejam em busca de uma comida perene, não passageira, está contrastando duas realidades de existência. De modo semelhante, o sujeito agente está se posicionando axiologicamente contra *os anseios por um reino político*” (cf. v.15).

Percebemos, a partir da mobilização analítica, como se tornam consistentes as proposições de Bakhtin sobre o dialogismo:

Natureza dialógica da consciência, natureza dialógica da própria vida humana. A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (Bakhtin [1979] 2006: 348).

Enquanto a comida que parece simboliza influências vãs e egoístas da vida, sem a interferência da doutrina exposta por Jesus, a comida que permanece para a vida eterna contempla um discurso outrora promulgado pelo evangelista João: “E a vida eterna é esta: que te conheçam como único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17.3). De igual modo, tais palavras de Jesus são testificadas, tempos depois, pelo apóstolo Paulo, quando escreve pela segunda vez aos Coríntios: “Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que não se veem, porque as que se veem são temporais, *mas as que não se veem são eternas.*” (2 Cor. 4.18, grifos meus).

Esta vida eterna, a qual se profere que seria concedida pelo Filho do homem, concretizar-se-ia por Deus, a quem o enunciador adjetiva de *Pai*. Em uma instância enunciativa mais profunda, as escrituras joaninas demonstram que esse selo foi testificado pelo Espírito Santo (Jo 3.33-34).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constante remissão a outros discursos, como aos testemunhos escritos da lei e dos profetas, conferencia e robustece a importância da interdiscursividade, via os registros veterotestamentárias. As relações de linguagem não apenas em uma perspectiva linguística estrutural, mas sobretudo em relações dialógicas, primando por diálogos múltiplos, plurais e heterogêneos ressaltam uma língua viva, real, concreta.

De igual modo, a partir dessa abordagem de análises, em que os fenômenos linguísticos são averiguados dialogicamente, observamos que o sujeito enunciador estabelece, para construir seu discurso, concretude, uma vez que o locutor se direciona aos ouvintes de forma a contestar seus pretextos.

---

**Wilder Kleber Fernandes de Santana** (wildersantana92@gmail.com)  
Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós graduação em Linguística na  
Universidade Federal da Paraíba.

---

**Como citar esse artigo**

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Estudos linguísticos que se inscrevem dialogicamente: reacentuando Bakhtin e o Círculo. **Revista Gatilho**, UFJF, v. 18, p. 52-68. out. 2020.

---

***Translator's prefacial discourse: an enunciative study***

*ABSTRACT: The present paper intends to weave theoretical and analytical discussions about a linguistic that is established dialogically, in which the language is delineated from the structural linguistic mechanisms as well as through discourses that are circumscribed in the social one. To this end, we base ourselves on the theoretical-methodological assumptions of Bakhtin (1993 [1920-1924]), 2006 [1979]), Volochínov (2017 [1929]) and Medviédev (2016 [1928]), as they articulate the main productions present in his writings on dialogism, language and discourse. In this sense, we had to 2) make considerations about a linguistic that is dialogically inscribed in the domains of language and 3) analyze a New Testament biblical statement under the pillars of Bakhtinian discursive architecture.*

*KEYWORDS: Linguistic studies. Dialogism. Speech.*

## REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. [tradução feita a partir do russo; tradução Paulo Bezerra]. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1979].

BAKHTIN, Mikhail. O problema do Conteúdo, do Material e da Forma na Criação Literária. (1924). In: **Questões de literatura e de estética** - A Teoria do Romance. Equipe de tradução (do russo) Aurora Fornoni Bernardini; José Pereira Júnior; Augusto Góes Júnior; Helena Spryndis Nazário; Homero Freitas de Andrade. 6ª edição. Editora Hucitec - São Paulo, 2010 (1930-1934).

BEZERRA, Paulo. Prefácio. In: Bakhtin, Mikhail. **Teoria do romance I: A estilística**. 1ª ed. São Paulo: Editora 34. p.7-14, 2015.

BÍBLIA SAGRADA (**Bíblia de Jerusalém**). Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. nova edição revista e ampliada. 1ª edição. Paulus editora, São Paulo, 2002.

BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz. **A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo**. Alfa, São Paulo, 56 (2): 371-401, 2012.

CARSON, D. A. **O comentário de João**. Tradução: Daniel Oliveira e Vivian do Amaral Nunes. 1ª edição. São Paulo: Shedd publicações LTDA, 2007.

LOPES, Hernandes Dias. **João: as glórias do Filho de Deus**. São Paulo: Hagnos, 2015.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Conceitos de Gramática. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2017, p. 43-70.

MEDVIÉDEV, Pável Nikholáievich. **O Método Formal nos estudos literários**: introdução a uma poética sociológica. Tradutoras: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

PLATÃO. Crátilo. Coleção Pensamento e Filosofia – ed. Instituto Piaget. São Paulo, 2002.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Heterodiscursividade e Axiologia no primeiro capítulo do Cântico Dos Cânticos. In: **SINALP - Simpósio Nacional de Literatura Popular**, João Pessoa, p. 6-24, 2017.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Da linguística estrutural à linguística da enunciação: um percurso histórico-ideológico. In: Santana, Wilder Kleber Fernandes de. **Relações linguísticas e axio(dia)lógicas**: sobre linguagem e enunciação / Wilder Kleber Fernandes de Santana. – João Pessoa: Ideia, 2019a.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Dialogismo em foco: valorações semântico-axiológicas e sua aplicabilidade. In: Santana, Wilder Kleber Fernandes de. **Relações linguísticas e axio(dia)lógicas**: sobre linguagem e enunciação / Wilder Kleber Fernandes de Santana. – João Pessoa: Ideia, 2019b.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. As fronteiras como espaço socio-axiológico. In: Santana, Wilder Kleber Fernandes de. **Relações linguísticas e axio(dia)lógicas**: sobre linguagem e enunciação / Wilder Kleber Fernandes de Santana. – João Pessoa: Ideia, 2019c.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução de CHELINI, A. & PAES, J. P. & BLIKSTEIN, I. São Paulo: Cultrix, 1969.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1997.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikoláievich. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem** - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].